

Por que olhar os animais? Clarice Lispector, selvageria e amor

Georgia Alves
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Resumo:

Este estudo explora alguns aspectos do conto “O Búfalo”, de Clarice Lispector, entendido como um relato de aprendizado de afetos ligado ao imaginário feminino. O enredo, muito simples, narra a angústia de uma mulher que, vivenciando uma crise conjugal, vai buscar sua “salvação” num Zoológico. No intenso entrecruzamento de olhares com os animais que se segue, ela descobre o que foi buscar entre as feras: o sentimento de ódio, ainda seu desconhecido; acostumada que fora – ao longo de uma educação tradicionalmente conferida às mulheres – aos sentimentos nobres, à gentileza, à passividade e ao perdão. Ciente de que a sua abundância de amor não acalmaria o seu espírito ferido e ultrajado, ela escuta a voz da natureza e descobre no olhar dos bichos um aprendizado reativo e a força de que necessita para sobreviver.

Palavras-chave: Afetos; Animais; Narrativa; Clarice Lispector.

Abstract:

This study explores some aspects of the short story “Buffalo”, by Clarice Lispector, understood as a report of the learning of affections connected to the female imagery. The plot, very simple, recounts the anguish of a woman that, experiencing a marital crisis, goes seeking her “salvation” in a Zoo. In the intense intersection of looks with animals that follows, she discovers what she had been seeking among the wild beasts: a feeling of hatred, yet unknown by her. Having received the kind of education traditionally given to women, full of nobleness, gentleness, passivity and forgiveness, she cannot face the challenges of her hurt and outraged spirit. Therefore, she listens to the voice of nature in the eyes of the animals, searching to find in them a reactive learning that can teach her how to find the strength she needs to survive in a world without love.

Keywords: Affects; Animals; Narrative; Clarice Lispector.

Ao escrevermos, devemos-mulher, devemos-animal ou vegetal, devemos-molécula e até devir-imperceptível. Esses devires encadeiam-se uns com os outros, segundo uma linha particular.

Gilles Deleuze

Pensar-se enquanto animal consiste em preparar-se para aliviar a pressão da cultura sobre a natureza, e isso envolve a construção de um novo laço

com o meio ambiente e as outras espécies. Se abandonamos a animalidade, ela não nos abandonou, e fala dentro da própria cultura. São ilusões, mitologias, hipertrofias que vão se dissolvendo e revelando uma realidade humana mais próxima, biológica e figurativamente, das bestas que dos anjos.

Jair Ferreira dos Santos, A reanimalização do homem

Introdução

É tarde solta pelo Delta do Okavango, em Namíbia, Botsuana e Angola, na África. Os búfalos mais forçados, agora despertados, dormiram em vigília formando um cinturão para proteger a manada. Parentes pré-históricos do boi e da vaca, os búfalos e búfalas estão por aqui há mais tempo que nós, seres humanos. Seus códigos são melhores que os nossos. Os mais fortes protegem os mais fracos. Se as leões, ou leões, capturam um filhote ou um integrante da manada mais velho e cansado, os guerreiros do grupo voltam para resgatá-lo. Os búfalos não temem seus predadores. Nem por isso os subjugam. Costumam se deslocar para regiões mais alagadas na tentativa de que os felinos – resistentes à convivência com água – não consigam alcançá-los.

No Delta, em Botsuana, tiveram que enfrentar os braços do Okavango e aprender a nadar. Os búfalos não lutam em manadas contra si mesmos. Apenas um macho quando disputa a fêmea contra outro macho. As fêmeas, aliás, não tem parceiros fixos. São atraídas por quem lhes parece ser o mais forte, o dominante, o protetor. Dizem os cientistas que o leite da búfala tem muito mais condições de nutrir que o leite da vaca. Embora não sejam confiáveis como os búfalos e búfalas, homens e mulheres (quando cientistas) parecem dizer a verdade. Embora também eles, muitas vezes, escondam o que sentem. Este trabalho propõe a seus leitores a pergunta: como seria possível para um animal que habita a Savana e as florestas tropicais da África e Ásia participar da vida íntima de uma mulher urbana?

Para Clarice Lispector, o recurso metafórico aos animais é uma das estratégias peculiares de suas narrativas. Uma forma como outra qualquer de falar da inenarrável e humana “vida íntima”. São muitos os contos de sua autoria protagonizados por

animais, não só os tradicionalmente dedicados às crianças, como “A vida íntima de Laura”, uma galinha, e “O mistério do Coelho Pensante”; mas diversas histórias de suas coletâneas *Felicidade clandestina*, *Laços de família* e *A legião estrangeira*. Este expediente nos abre a possibilidade de uma perspectiva ecocrítica de análise, capaz de verificar nas entrelinhas de sua escrita, como diz Giorgio Agamben, que “a máquina antropológica do humanismo é um dispositivo irônico que verifica a ausência de uma natureza própria para *Homo* – mantendo-o suspenso entre uma natureza celeste e uma terrena, entre o animal e o humano – e, por conseguinte, o seu ser sempre menos e mais do que si próprio”. (AGAMBEN, 2002, p. 47).

Se esta angústia se faz, de fato, presente na escrita de Clarice; não podemos admitir, entretanto, que o enfoque principal de seus contos já revele uma preocupação ecológica consciente, nos moldes ideológicos veiculados pelos discursos acadêmicos do século XXI. A nosso ver, a questão mais premente para a escritora dos anos 1970 no Brasil era mais a de um nascente feminismo, que abria para as mulheres as portas de uma até então inusitada, e ainda assustadora, liberdade. Sua visita ao Zoológico, longe de nos remeter a um discurso das espécies, ainda parece demasiado presa a um discurso dos gêneros: “Com os punhos nos bolsos do casaco, olhou em torno de si, rodeada pelas jaulas, enjaulada pelas jaulas fechadas.” (LISPECTOR, 1983, p. 147). Por isso o animal, quando abordado em sua obra, é utilizado num sentido deliberadamente metafórico, como máscara do humano. Longe ainda o atual incômodo posto por John Berger em seu artigo “Por que olhar os animais?”, quando fala da “marginalização cultural dos animais como um processo mais complexo do que sua marginalização física”; observável, por exemplo, no sequestro de suas imagens para explicar o caráter das pessoas: “Os animais se tornaram prisioneiros da situação humana/social que os recrutou” (BERGER, 1980, p. 26).

Alheia a isso, Clarice não parece se preocupar com a cruel realidade empírica dos Zoológicos nos quais se inspira para criar a ambientação de suas histórias. Eles ainda não são para ela, como para Berger, “monumentos à impossibilidade do encontro homem/animal, epitáfios modernos a uma relação tão antiga quanto o próprio homem.” (BERGER, 1980, p. 26). Sua visita ao Zoológico só inconscientemente registra uma percepção que já

lá está, embora não seja aparentemente buscada: a de que em parte alguma num Zoológico o visitante pode encontrar o olhar de um animal. Como diz Berger:

Quando muito, o olhar do animal bruxuleia brevemente e segue adiante. Eles olham de soslaio. Olham cegamente para além de nós. Escaneiam tudo mecanicamente. *Foram imunizados contra o encontro*, porque nada mais pode ocupar um lugar central na sua atenção. Nisso reside a última consequência de sua marginalização. Esse olhar entre animal e homem, que pode ter tido um papel crucial no desenvolvimento da sociedade humana, foi extinto. Olhando cada animal, o visitante desacompanhado do Zoológico está sozinho. (BERGER, 1980, p. 32)

O conto “O Búfalo”, de Clarice Lispector, foi escrito em maio de 1956, e publicado pela primeira vez, na *Revista Senhor*, a pedido do editor de ficção, Franz Paul Trannin da Mata Heilborn (Paulo Francis), na edição de julho de 1960. Neste mesmo ano seria relançado como parte da coletânea *Laços de família*. Uma ironia do destino, uma vez que o lançamento ocorreu no Clube Marimbás, em Copacabana, no Rio de Janeiro, quando a autora dava por encerrado seu casamento com o diplomata Maury Gurgel Valente. Este pormenor biográfico não parece indiferente, a considerar a natureza da história. Na mesma ocasião, foram lançados outros de seus textos como “O jantar”, primeiramente publicado no *Suplemento Literário Letras e Artes*, do jornal carioca; “A manhã”, “Amor”, “O crime” e “A menor mulher do mundo”.

O conto foi reescrito em oito cópias por Clarice. A primeira vez que se soube de sua existência foi em carta por ela enviada às irmãs Tânia e Elisa, em maio de 1956. Clarice relata circunstâncias dessa escrita:

Um dia desses tive um ódio muito forte, coisa que eu nunca me permiti, era mais uma necessidade de ódio. Então escrevi um conto chamado “O Búfalo”, tão forte que, por experiência, fui ler para Mafalda, Arnaldo Pires (um rapaz que mora aqui e trabalha na União Pan-Americana), e eles sentiram até um mal-estar. O rapaz disse que o conto todo parece feito de entranhas... É a história de uma mulher que vai ao Jardim Zoológico para aprender com os bichos a como odiar. Essa mulher, que só aprendeu a perdoar e a se resignar e a amar, precisa pelo menos uma vez tocar o ódio de que é feito o seu perdão. Entende-se que ninguém culpa: ela está tentando odiar um homem cujo “único crime impune” é não amá-la. Na verdade, por mais irracional que fosse, ela o odiava, só que não conseguia sentir em cheio o próprio ódio. Depois é que vem o búfalo. Mas estou vendo que estou matando a história, contando-a desse jeito. Um dia vocês lerão. (LISPECTOR, *Clarice e herdeiros*, 2007, p.270).

A carta nos parece relevante por fornecer dados gerais e por registrar a expressão “feito de entranhas”, que tanto agradou à Clarice como uma tradução próxima do efeito que esperava atingir com sua escrita. Marcada por um tom confessional e intimista, essa escrita remete ao estilo de Katherine Mansfield (de quem Clarice conheceu a coletânea de contos *Bliss*, ou *Felicidade*, traduzida pelo amigo Érico Veríssimo, que teria provocado na autora a reação: “Mas esse livro sou eu!”). “O Búfalo” (que neste ano de 2015 comemora 55 anos) conclui a seleção de *Laços de família* com a história de uma mulher que mora numa cidade grande e visita um Jardim Zoológico para buscar, entre as feras aprisionadas, uma força que julga não possuir, e que acredita subsistir entre os animais: a força do ódio. Esmagada pelo sentimento de fêmea rejeitada, diversas vezes a mulher que busca o ódio para não perdoar, incorre no impulso do perdão daquele cujo único e impunível crime parece ter sido o de “não querê-la”. Corroída pela amargura, visivelmente exausta e arrasada pela humilhação – provavelmente decorrente de uma longa história de traições, devastadora de sua autoestima –, ela busca no Zoológico coragem para matar em si tanto e tão persistente amor:

‘Eu te odeio’, disse ela para um homem cujo crime único era o de não amá-la. ‘Eu te odeio’, disse muito apressada. Mas não sabia sequer como se fazia. Como cavar na terra até encontrar a água negra, como abrir passagem na terra dura e chegar jamais a si mesma?... Onde, onde encontrar o animal que lhe ensinasse a ler o seu próprio ódio, o ódio que por direito lhe pertencia mas que em dor ela não alcançava? Onde aprender a odiar para não morrer de amor? E com quem? O mundo de primavera, o mundo das bestas que na primavera se cristianizam em patas que arranham mas não dói... oh não mais esse mundo! Não mais esse perfume, esse arfar cansado, não mais esse perdão em tudo o que um dia vai morrer como se fora para dar-se. Nunca o perdão, *se aquela mulher perdoasse mais uma vez, uma só vez que fosse, sua vida estaria perdida...* (LISPECTOR, 1983, p. 148; 153).

Contrariamente às suas expectativas, porém, o Zoológico está em festa. O calor da estação das flores atinge homens e animais, e o espetáculo do amor é aparentemente intolerável para a mulher devastada, que perambula sozinha indagando: “Oh, Deus, quem será meu par neste mundo?...”. Percebe-se que, embora afirme buscar o ódio, o que esta mulher parece desejar realmente é encontrar alguém por quem valha a pena morrer de amor. Assim, talvez nem mesmo como peça feminista se possa entender essa história,

tão frequentemente interpretada pelo viés do liberalismo, como um panfleto de horror aos homens e à dor que eles provocam. Na verdade, talvez esta seja uma impressionante e moderna versão da tradicionalíssima cantiga de amigo, com a fêmea submissa arrastando a sua coita trovadoresca pelo amante distante e ansiado: “Ai flores, ai flores do verde ramo” – parecemos escutá-la suspirar, nos acordes tão bem postos por D. Dinis nestes versos inflados de desejo.

Assim, não podemos ignorar que, mesmo como penetra, a mulher magoada deliberadamente se imiscui nos espaços primaveris dos encontros, seja no mundo dos amantes humanos felizes e correspondidos, que giram na montanha-russa do parque; seja no mundo dos amantes animais, igualmente realizados e satisfeitos, cujos eflúvios do prazer ela aspira num descarado *voyeurismo* em seu passeio. Humanos e bestas, indiscerníveis no instante do orgasmo, igualam-se no desfrutar da carne, no doce martírio do amor. É como penetra, portanto, que a mulher torturada aguarda na “fila dos namorados” a sua vez de se sentar no carro da montanha-russa, em cujos estímulos reviverá os da relação sexual a que aspira “em suplício de tentação”. Inegável o paralelo tecido entre a diversão no brinquedo e o coito:

A brisa arrepiou-lhe os cabelos da nuca, ela estremeceu recusando, em tentação recusando, sempre tão mais fácil amar. Mas de repente foi aquele voo de vísceras, aquela parada de um coração que se surpreende no ar, aquele espanto, a fúria vitoriosa com que o banco a precipitava no nada e imediatamente a soerguia como uma boneca de saia levantada, o profundo ressentimento com que ela se tornou mecânica, o corpo automaticamente alegre – o grito das namoradas! –, seu olhar ferido pela grande surpresa, a ofensa, “*faziam dela o que queriam*”, a enorme perplexidade de estar espasmodicamente brincando. Quantos minutos? Os minutos a um grito prolongado de trem na curva, e a alegria de um novo mergulho no ar insultando-a com um pontapé, ela dançando descompassada ao vento, dançando apressada, quisesse ou não quisesse o corpo sacudia-se como o de quem ri, aquela *sensação de morte às gargalhadas*, morte sem aviso de quem não rasgou antes os papeis da gaveta... (LISPECTOR, 1983, p. 151)

A pequena e exultante morte no orgasmo, que a deixa tropeçando à saída do brinquedo, descomposta e envergonhada, lembrando-se do dia em que derrubou a bolsa em público e deixou à mostra “a mesquinha de uma vida íntima de andaimos e precauções”. Não estaria ela confessando, não o desejo de odiar, mas o de amar com liberdade e sem

amarras, sem se importar com os outros, sem ligar para que percebessem o quanto estava estonteada e feliz – e não “fraca e *difamada*” –, concentrando-se apenas na suavidade adquirida “pelo quebranto da montanha-russa”?

A personagem desta história veste um casaco marrom e nos é apresentada sem que dela seja dito o nome ou qualquer traço físico; sem que nos seja presentificada em seu próprio corpo ou rosto, para além do dado banal da cor terrosa que a recobre e a oculta. A cor “marrom”, para Clarice, tem esse peso: o da monotonia, o da mesmice, o da convenção, o da falta de espírito. Encontramo-la, ao lado de seu vibrante contraponto “vermelho”, ou mesmo “rosa”, em muitas outras histórias. A mulher de casaco marrom sai da selva urbana e vai buscar nos retalhos da selva natural, aprisionados nas jaulas do Zoológico entre as ditas “feras”, uma energia que não sente possuir, e sem a qual não está conseguindo viver.

A fauna exposta aos olhares dos humanos resta aprisionada em falsos jardins, repletos de jaulas que são como os quadros de uma galeria de arte onde as espécies selvagens – por toda parte do mundo ameaçadas de extinção – constituem uma espécie de monumento vivo ao seu próprio desaparecimento (BERGER, 1980, p. 31). Fora de seus próprios contextos, dificilmente apresentam as mesmas naturezas que em seus *habitats* originais, e talvez seja precisamente neste aspecto – o de seres arrancados de seus espaços, savanas, florestas e remansos; seres caçados, amarrados, dopados, adaptados, domesticados, alimentados, controlados – que a personagem de Clarice os procure, por vislumbrar nesta situação algo que a irmana com esses seres. A narrativa vai expor as características desconhecidas dessa mulher a partir do seu olhar e da sua identificação (apreciação, aprovação), ou não, com os animais observados/observadores.

Seu percurso pelo Zoológico é lento e meditado, e ela não chega diretamente ao búfalo. Não nos alongaremos em descrições da numerosa fauna exposta pela mulher em sua caça ao ódio, mas nos demoraremos em considerações sobre os efeitos que este jogo de olhares humano/animal provoca nos personagens envolvidos, e nos leitores. Assim, ao contrário dos humanos caçadores nos safáris – amparados pela covarde tecnologia de máquinas de matar à distância, e sumariamente, com um único disparo; roubando à natureza a oportunidade de defesa mediante seus próprios ardis ligados ao corpo (sons,

vozes, gritos, odores, miasmas, mimetismo de cores, velocidade, fuga, ataque, embate, luta, mordidas, garras, unhas, dentes) –, a mulher conta apenas com a arma do olhar e do desejo. E descobre que estes recursos não são privilégios humanos. Presos, todos os bichos nos observam. Como nós, eles também desejam. E como eles, ainda que não saibamos, todos nós estamos aprisionados.

O loiro e poderoso leão

No topo da cadeia alimentar das selvas está uma raça regida por uma fera conhecida como o “rei dos animais”. O leão (nome científico: *Panthera leo*) é uma espécie de mamífero carnívoro do gênero *Panthera* e da família *Felidae*. A espécie é atualmente encontrada na África subsaariana e na Ásia, com uma única população remanescente em perigo, no Parque Nacional da Floresta de Gir, Gujarat, Índia. Foi extinto na África do Norte e no Sudoeste Asiático em tempos históricos, e até o Pleistoceno Superior, há cerca de 10.000 anos, era o mais difundido grande mamífero terrestre depois dos humanos, sendo encontrado na maior parte da África, em muito da Eurásia, da Europa Ocidental à Índia, e na América, do Yukon ao México.

A pelagem é unicolor de coloração castanha, e os machos apresentam uma juba característica. Outro aspecto peculiar da espécie é a presença de um tufo de pelos pretos na cauda, que também possui uma espora. Habita preferencialmente as savanas e pastagens abertas, mas pode ser encontrado em regiões mais arbustivas. É um animal sociável que vive em grupos, compostos pelas leas e suas crias, o macho dominante e alguns machos jovens que ainda não alcançaram a maturidade sexual. A dieta consiste principalmente de grandes ungulados e possuem hábitos noturnos e crepusculares, descansando e dormindo a maior parte do dia. Leões vivem por volta de 10-14 anos na natureza, mas em cativeiro eles podem viver por até 30 anos.

O leão cumpre um ritual de soberania entre seus pares que merece atenção especial no instante da caça. As leas são as caçadoras, e sempre as primeiras a sair em busca de alimento para os grupos de felinos dos quais fazem parte. O leão, em geral, as observa de longe, aproximando-se da presa apenas no momento em que ela já não oferece resistência:

está imobilizada, provavelmente morta, tornada carne para o consumo. Cabe a ele os melhores bocados, e as leas que fizeram todo o trabalho difícil só se aproximam quando o macho está satisfeito, para devorarem os restos que ele deixa para trás. É este esquema fortemente hierárquico que mantém um a dois machos próximos do bando de fêmeas e filhotes. Graças a sua força e arrogância, são cortejados de maneira submissa pelas fêmeas, acolhendo o papel de defender o grupo dos eventuais ataques de outras espécies; e, sobretudo, do ataque de outros leões.

Como dissemos, a característica física marcante desta espécie é a cor solar, a pelagem espessa com variação de tons luminosos e terrosos, amarelos, laranjas e marrons, que configuram, sobretudo, a poderosa juba que diferencia os machos das fêmeas e contribui para dar o ar de “imponência” ao rei dos animais. Notícias sobre a descoberta de uma espécie de leão negro circulou na internet, porém foi desmistificada como manipulação em *photoshop*. É bem verdade que mutações genéticas naturais, e manipulações em laboratório, podem criar variações as mais diversas. Mas o que a ciência identificou até hoje como natural da raça foi a predominância da pelagem “loira”. Medindo cerca de noventa centímetros de altura, entre dois metros e meio a três metros de comprimento, e pesando até mais de duzentos quilos (as leas sempre menores e mais leves), o rei das selvas e das savanas africanas consegue comer cerca de trinta e cinco quilos de carne por dia. Suas presas preferidas são os antílopes, os javalis, as zebras, os gnus e outros mamíferos de pequeno porte. No topo da lista estão os búfalos, grandes e poderosos herbívoros capazes de enfrentar esses carnívoros, seus predadores, e impor-lhes respeito.

No conto de Clarice, é tempo de primavera, e na jaula dos leões um casal se aproxima numa cena de afeto. O macho lambe a testa glabra da fêmea – a superfície imberbe é o palco ideal para as demonstrações de carinho por parte do bicho. Trata-se de uma cena pacífica, de envolvimento sexual, e, portanto, desinteressante aos objetivos da visitante humana. Ali, apenas o cheiro da carne exposta em decomposição, que restou do repasto dos animais, lembra à mulher o que ela foi aprender entre os bichos selvagens enjaulados. Ao observar a tranquilidade do leão e ao imaginar a leoa como uma esfinge, a mulher reconhece o sentimento que a cena evoca: o amor; exatamente oposto ao que fora buscar.

A mulher se revolta ao encontrar o amor, e não o ódio, na jaula do mais poderoso dos animais selvagens. Satisfeitos pelo gozo da cópula primaveril, o loiro casal se entretém em afagos e pequenos ritos afetivos, completamente alheio, naquele instante de plenitude, aos instintos de ferocidade que restam adormecidos em algum lugar de seus corpos.

A mulher sem nome aspira os eflúvios do amor das feras, mas desvia seu olhar. Privada da alegria do encontro amoroso que descobre nos animais, é ela que se sente, então, enjaulada, presa em seu desejo de ódio nascido do amor ferido e não correspondido. Como um casal de bichos pode viver tão naturalmente um gozo que lhe é negado? Negado a um *ser humano*? A mulher comprime os punhos nos bolsos do casaco, pele extra e artificial que lhe cobre o corpo, talvez roubada a um animal. Até mesmo o conforto daquele calor não lhe pertence, não pertence a sua espécie glabra e exposta, de feios corpos vulneráveis. O rei dos animais, em pleno exercício de zelo e proteção pela leoa que lhe coube, já destituído do séquito e do bando das savanas, da constante fome das savanas e do permanente perigo dos leões rivais, exhibe um comportamento humanizado, preguiçoso, desatento, relaxado – limitado pela nova realidade de sua prisão. Um leão assim não serve ao propósito da mulher aprendiz. Um leão assim não é mais uma fera: não passa de uma versão do humano aprisionado nas cidades, satisfeito com o pouco (ou o muito) que lhe é dado, as migalhas (ou as sobras) do cotidiano, a familiaridade das grades. É flagrante a sua concessão ao conforto, a sua sujeição às convenções, à sua indiferença aos olhares dos humanos que desfilam do outro lado das grades, em seus rituais de visitação inócua de uma selva que já não há.

John Berger comenta sobre a ironia desses passeios, nos quais os animais são expostos como nos filmes, nos livros e nas representações metafóricas dos seres naturais:

os animais são sempre os observados. O fato de poderem nos observar perdeu toda a importância. Eles são objetos de nosso conhecimento, cada vez mais amplo. O que sabemos a seu respeito é uma indicação de nosso poder e, portanto, uma indicação do que nos separa deles. Quanto mais sabemos, mais longe eles ficam. (BERGER, 1980, p. 14).

Rejeitando este macabro espetáculo engendrado pela ciência e pelo poder antropocêntrico, a mulher começa a descobrir em seu interior, sob a fina pele de seu corpo protegida sob o calor de outra pelagem, uma força até então desconhecida. O espelho

do Zoológico vai, aos poucos, operando em seu espírito um trabalho de despertar. A visão dos animais se inverte, e ela passa a focalizar sua observação em si mesma, a partir do distanciamento provocado pelos olhares dos bichos. Pela contemplação da humanização forçada daquelas criaturas enjauladas e descaracterizadas, a mulher inicia o seu aprendizado de rebelião e liberdade.

O negro e diabólico búfalo

Em *O animal que logo sou*, Derrida comenta:

os textos assinados por pessoas que sem dúvida viram, observaram, analisaram, refletiram o animal mas nunca se viram vistas pelo animal; jamais cruzaram o olhar de um animal pousado sobre elas (para não dizer sobre sua nudez); mas mesmo que tenham se visto sendo vistas, um dia, furtivamente pelo animal, elas absolutamente não o levaram em consideração (temática, teórica, filosófica); não puderam ou não quiseram tirar nenhuma consequência sistemática do fato que um animal pudesse, encarando-as, olhá-las, vestidas ou nuas e, em uma palavra, sem palavras dirigir-se a elas”. Quanto à outra categoria de discurso, do lado dos signatários que são antes de mais nada poetas ou profetas, em situação de poesia ou de profecia, do lado daqueles e daquelas que confessam tomar para si a destinação que o animal lhes endereça, antes mesmo de terem o tempo e a possibilidade de se esquivar nus ou em roupão, eu não lhes conheço ainda um representante estatutário, ou seja, um sujeito enquanto homem teórico, filosófico, jurídico, em verdade, enquanto cidadão. Não encontrei, mas é bem aí que me encontro eu, aqui agora, procurando. (DERRIDA, p. 32; 34)

O mesmo estado de procura de si mesmo entre os animais pode ser encontrado no conto “O Búfalo”, no momento em que a mulher que veste um casaco marrom se aproxima do terreno do animal que vai permitir seu aprendizado. A mulher já havia se deparado com outras criaturas; algumas das quais lhe permitiram, inclusive, viver a experiência de trocar de lugar com ela. Por intermédio dessa experiência, a mulher se descobre aprisionada em si mesma, na jaula de sua educação, de sua formação, das regras e leis vigentes em sua sociedade, que não a habilitam a reagir diante de um acontecimento extremo. A passividade a vulnerabiliza enquanto um ser para a morte, a quem não é facultada nenhuma revolta. Como os animais prisioneiros, também a mulher se percebe presa, aguardando o seu fim entre os muros da cidade, assim como os

animais que esperam a morte entre os muros do jardim. O Zoológico – inventado pela hegemonia imperialista que no século XIX consolidou a figura do homem soberano, conquistador de outras terras, outros seres e outros mundos – surgiu na Inglaterra em meados do ano de 1867. A popularização da palavra “Zoo” deveu-se a uma canção de Green Vance, chamada “Passear no Zoo é legal”. (BERGER, 1980, p. 25-27).

Sendo, de fato, um monumento erguido para promover o encontro entre humanos e animais, ele acaba por simbolizar o oposto, tornando-se uma metáfora associada eminentemente à prisão e à sujeição dos mais fracos. Há quem associe o espaço até mesmo à instituição matrimonial, égide da família, e aos acordos firmados sobre outros interesses, diversos daqueles naturais, nascidos da interação livre e voluntária entre dois seres na trilha sem mapas ou bússolas que oferece o verdadeiro amor. Em seu passeio pelo jardim, a mulher descobre entre os animais os mesmos casais e famílias felizes, as mesmas jovens donzelas alienadas que encontra entre os humanos. Dentro e fora, descobre uma mesma ordem vigente, dominando as ações, reações, desejos e intenções dos viventes: animais como humanos, humanos como animais.

Ao cruzar olhares com o pobre quati, por exemplo, sua fragilidade e inocência a contaminam, e de súbito ela percebe o quanto vive enjaulada, solitária, distante de todos, como uma pessoa invisível a quem só as crianças atentam; uma pessoa desequilibrada no artifício dos saltos dos sapatos, ciente da fragilidade de sua falsa segurança civil, que não sobrevive a eventos tão simples como a quebra dos ovos numa sacola de feira. Basta uma freada do ônibus para o frágil equilíbrio de sua vida cotidiana ruir; basta a visão de um cego mascarando chicletes, ou de um macaco cego pela catarata. Num único tropeço, sua vida íntima vem à tona, exposta pela queda da bolsa, que se abre no chão revelando a todos os seus segredos: recibos, pó-de-arroz, caneta tinteiro. Mísero espólio, mas que deflagra uma epifania. O ódio seria necessário para destruir essa ordem. Para infundir-lhe coragem, a coragem necessária para encarar a perda das amarras do cotidiano, como quem se lança num passeio de montanha-russa, gargalhando com todo o corpo perdido no esquecimento das regras, dos papéis deixados na gaveta, das cartas não destruídas. Como quem anda descalça pelo chão, a mulher divaga até encontrar com o búfalo:

O búfalo negro estava imóvel no fundo do terreno. Depois passeou ao longe com o quadris estreitos, os quadris concentrados. O pescoço mais grosso que as ilhargas contraídas. Visto de frente, a grande cabeça mais larga que o corpo impedia a visão do resto do corpo, como uma cabeça decepada. E na cabeça os cornos. De longe ele passeava devagar com seu torso. Era um búfalo negro. Tão preto que à distância a cara não tinha traços. Sobre o negror a alvura erguida a alvura erguida dos cornos. A mulher talvez fosse embora mas o silêncio era bom no cair da tarde. E no silêncio do cercado, os passos vagarosos, a poeira seca sob os cascos secos. De longe, no seu calmo passeio, o búfalo negro olhou-a um instante. *No instante seguinte, a mulher de novo viu apenas o duro músculo do corpo.* Talvez não a tivesse olhado. Não podia saber, porque das trevas da cabeça ela só distinguia os contornos. Mas de novo ele pareceu tê-la visto ou sentido. A mulher aprumou um pouco a cabeça, recuou-a ligeiramente em desconfiança. Mantendo o corpo imóvel, a cabeça recuada, ela esperou. E mais uma vez o búfalo pareceu notá-la. Como se ela não tivesse suportado sentir o que sentira, desviou subitamente o rosto e olhou uma árvore. Seu coração não batendo no peito, o coração batia oco entre o estômago e os intestinos. (LISPECTOR, 1960, p. 133).

A autora não apenas oferece ao búfalo o domínio da cena, como o domínio sobre a mulher. É ele quem protagoniza o ritual de aproximação e o novo despertar dos sentidos femininos. Sob o olhar do búfalo, a mulher se transforma como se recebesse o que lhe é destinado em lassidão. Sob o olhar da fêmea humana, o búfalo também reage, provocado em sua masculinidade. A narração avança numa lenta anunciação do desfecho, a tão aguardada salvação da mulher em seu aprendizado do ódio. Somente este animal “tem a cabeça maior que o corpo”. Na descrição do corpo negro do búfalo é possível ler a admiração de algo que está no devir entre o sagrado e o profano, a sensualidade e a religião:

O búfalo deu outra volta lenta. A poeira. A mulher apertou os dentes, o rosto todo doeu um pouco. O búfalo com o torso preto. No entardecer luminoso era um corpo enegrecido de tranquila raiva, a mulher suspirou devagar. *Uma coisa branca espalhara-se dentro dela, branca como papel, fraca como papel, intensa como uma brancura.* A morte zumbia nos seus ouvidos. Novos passos do búfalo trouxeram-na a si mesma e, em novo longo suspiro, ela voltou à tona. Não sabia onde estivera. Estava de pé, muito débil, emergida daquela coisa branca e remota onde estivera. E de onde olhou de novo o búfalo. O búfalo agora maior. O búfalo negro. Ah, disse de repente com uma dor. O búfalo de costas para ela, imóvel. O rosto esbranquiçado da mulher não sabia como chamá-lo. Ah! disse provocando-o. Ah! disse ela. Seu rosto estava coberto de mortal brancura, o rosto subitamente emagrecido era de pureza e veneração. (LISPECTOR, 1960, p. 134).

O búfalo passa a dominar as reações da mulher. É maior que ela. O que provoca nela recebe o nome de “massa branca” (sêmen?), que se espalha no interior de seu corpo,

e que a encaminha para o extremo da vida (a morte). Ela o provoca deliberadamente, desejando, talvez, despertar-lhe uma ira suficiente para o ataque, para a estocada final que lhe pusesse um fim à dor de amor em que se consumia:

Ah! instigou-o com os dentes apertados. Mas de costas para ela, o búfalo inteiramente imóvel. Apanhou uma pedra no chão e jogou dentro do cercado. A imobilidade do torso, mais negra ainda se aquietou: a pedra rolou inútil. Ah! disse sacudindo as barras. Aquela coisa branca se espalhava dentro dela, viscosa como uma saliva. O búfalo de costas. Ah, disse. Mas dessa vez porque dentro dela escorria enfim um primeiro fio de sangue negro. O primeiro instante foi de dor. Como se, para que escorresse este sangue, se tivesse contraído o mundo. (LISPECTOR, 1960, p. 134).

De tanto observar o búfalo, a mulher se distancia do verdadeiro animal, que a ignora. Sua admiração por ele acaba por divinizá-lo, tornando-o a própria substância de Deus, talvez um deus panteísta, sem transcendência, confundido com a Natureza. (Note-se que na palavra “búfalo” oculta-se a palavra “falo”):

Ficou parada, ouvindo pingar como numa grota aquele primeiro óleo amargo, a fêmea desprezada. Sua força ainda estava presa entre barras, mas uma coisa incompreensível e quente, enfim incompreensível, acontecia, uma coisa *como uma alegria sentida na boca*. Então o búfalo voltou-se para ela. O búfalo voltou-se, imobilizou-se, e à distância encarou-a. *Eu te amo, disse ela então com ódio para o homem cujo grande crime impunível era o de não querê-la. Eu te odeio, disse implorando amor ao búfalo*”. (LISPECTOR, 1960, p. 134).

Nesta construção ambígua, percebe-se o apagamento dos conceitos racionalistas sobre o bem e o mal, o amor e o ódio. Como os leões que na primavera “se cristianizam” pelo desejo sexual, e suas garras capazes de matar se abrandam, momentaneamente, para acariciar o parceiro no amor, Clarice revela a sua descoberta. Não há maniqueísmo no mundo humano, como não há filosofia no mundo animal. O conto parece sugerir um assassinato mútuo, mas também pode coincidir com um encontro definitivo, com a descoberta de um ansioso, novo e imprevisível amante (“seu par neste mundo”?) – quem sabe “maligno” aos olhos dos outros? Teria a mulher encontrado no “búfalo”, afinal, aquele por quem valeria a pena “morrer de amor”?

Lá estavam o búfalo e a mulher, frente a frente. Ele não olhou a cara, nem a boca, nem os cornos. Olhou seus olhos. E os olhos do búfalo, os olhos

olharam seus olhos. E uma palidez tão funda foi trocada que a mulher se entorpeceu dormente. De pé, em sono profundo. ... Presa como se sua mão se tivesse grudado para sempre ao punhal que ela mesma cravara. Presa, enquanto escorregava enfeitiçada ao longo das grades. *Em tão lenta vertigem que antes do corpo baquear macio a mulher viu o céu inteiro e um búfalo.* (LISPECTOR, 1960, p. 135).

Cravar um punhal também pode significar desfechar no coração de alguém o golpe violento da paixão. Mas é a mulher que morre, e novamente a cena oscila entre a vertigem do fim e a vertigem de um recomeço; não sabemos se a mulher resvala *maciamente* para a morte ou para o gozo, na intensidade absoluta deste encontro de olhares que a penetra no mais íntimo de seu corpo e de sua alma, esvaziando talvez o veneno da dor, que ela carregava incrustado como um bolsão “no ponto pior de sua doença, o ponto mais doente, o ponto do ódio” (LISPECTOR, 1983, p. 147). “Entorpecida”, “enfeitiçada”, aprisionada por uma alegria desnorteante “sentida na boca”, a mulher de súbito realizada – e aqui a autora evoca claramente, e algo ironicamente, o último instante de agonia da pobre Felicité (Felicidade), personagem do conto “Um coração simples” de Flaubert¹ – tem uma visão divina, onde cabem apenas o “céu” – adoração, prazer, elevação –, e o agente determinante desta visão: a criatura demoníaca, disfarçada no negro, poderoso, intenso e misterioso... “búfalo”.

Conclusão

O conto “O Búfalo”, de Clarice Lispector, foi escrito num momento decisivo da vida da autora, que precisava munir-se de coragem para romper com a ordem estabelecida pelas obrigações de um casamento desgastado e infeliz, e com os desafios dos ditames sociais que condenavam a mulher “separada” como uma mulher “demoníaca”. Segundo os registros das cartas trocadas com as irmãs, Clarice informa que o conto foi escrito no

1. O conto de Flaubert fala da vida de uma pobre empregada doméstica, Felicité, cujo maior tesouro era o seu bicho de estimação, um papagaio. Quando ele morre, ela o conserva empalhado; e quando ela mesma agoniza, é a ele que contempla, confundindo-o com o espírito santo: “Um vapor azul subiu no quarto de Felicidade. Ela avançou as narinas, inalando-o com uma sensualidade mística; depois fechou suas pálpebras. Seus lábios sorriam. Os movimentos de seu coração diminuíram um a um, cada vez mais vagos, mais suaves, como uma fonte se esgota, como um eco desaparece; e quando exalou seu último suspiro, *ela acreditou ver, nos céus entreabertos, um papagaio gigantesco, planando acima de sua cabeça*”. (FLAUBERT, 2005, p. 30, grifos nossos).

início de 1956, quando estava casada há doze anos com o diplomata Maury Gurgel Valente, e já tinha dois filhos. Explicita o desejo de voltar ao Brasil, de retomar sua carreira, o convívio com a família e com os amigos escritores no Rio de Janeiro. Deseja também estabelecer residência e manter a escola dos filhos. Não lhe agrada mais a vida nômade que vinha levando, na vicariante posição de “esposa de diplomata”, condenada a viver no ambiente estritamente cerimonioso das embaixadas estrangeiras, presa às amarras e às grades das etiquetas de uma coreografia de formalidades.

Mas esse recomeço exigia um suporte financeiro, a conquista de uma autonomia pessoal e profissional ainda distante da realidade das mulheres brasileiras. Diplomada em Direito e hábil na escrita, teve a coragem de batalhar por um lugar ao sol, com a ajuda de amigos que foram aos poucos abrindo espaço, em seus jornais e revistas, para o seu trabalho. A intensidade deste conto fala, sobretudo, da busca desta mulher que, até então coberta por uma casaco marrom (proteção exterior e alheia), busca rebelar-se e estabelecer para si mesma uma vida. Para isso, sente a necessidade de extrair de sua própria substância uma força primitiva, violenta, extrema, através da qual pudesse enfrentar a nova condição. Como os negros búfalos das savanas com quem se identifica – animais naturalmente herbívoros e pacíficos, acostumados aos bandos, e lentos pela enormidade de seus corpos –, diante do perigo ela precisou mobilizar no mais íntimo de si a força do ódio, a violência luciferina dos chifres, para exteriorizar essa energia no enfrentamento da luta contra os louros e altivos leões, seus carnívoros predadores. Na selva da cidade moderna, a modesta mulher sozinha, desquitada, mãe de família, judia, com uma longa história de sofrimentos, mergulha em sua própria natureza e se descobre capaz de renascer. A transfiguração de um ser escravizado em um ser livre ganha contornos épicos neste passeio ao Zoológico, nesta visitação iniciática ao Jardim das origens, onde a mulher percebe que as jaulas do cotidiano doméstico destroem o espírito e a essência das pessoas, assim como o aprisionamento rouba a natureza e a beleza, a grandeza e a autonomia dos animais.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O aberto*. Homem e animal. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BERGER, John. Por que olhar os animais?, in: *O olhar*. Barcelona: Editora GG, 1980.
- DELEUZE, GILLES. A literatura e a vida, in: *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. São Paulo: Unesp, 2002.
- FLAUBERT, Gustave. Um coração simples, in: *Três contos*. Porto Alegre: L&PM, 2005.
- GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Brasília: Editora UnB, Brasília, 2006.
- LISPECTOR, Clarice. O Búfalo, in: *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1960.
- MANSFIELD, Katherine. *Felicidade e outros contos*. Rio de Janeiro: Revan, 1991.
- MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- SANTOS, Jair Ferreira. A reanimalização do humano, in: *Breve, o Pós-humano*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2003.
- VIESENTEINER, Jorge Luiz. *De Nietzsche a Deleuze: a arte da transfiguração*. Curitiba: PUCPR, 2001.